

Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco

3



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

**COMUNIDADE TRADICIONAL
QUILOMBOLA PESQUEIRA VAZANTEIRA
DE CROATÁ - MINAS GERAIS**



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

Fascículo N° 3 Fevereiro 2018

Coordenação Geral do Projeto
**Conflitos Sociais e Desenvolvimento
Sustentável no Brasil Central**

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)

Jurandir Santos de Novaes (UFPA)

Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)

Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA/UEMA)

PARTICIPANTES DA OFICINA

Eveline Barbosa dos Santos (28 anos)
Jonilton Marques de Almeida (43 anos)
Jucelino Marques de Oliveira (33 anos)
João Mauro de Paulo Dias (34 anos)
Joel Antônio de Paulo Filho (41 anos)
Raimundo Oliveira Santos (47 anos)
Briziane Rafael Santos Rocha (7 anos)
Elizene Rosena dos Santos (38 anos)
Manoel da Silva Vieira (59 anos)
Maria Cleonice Pereira Barbosa (49 anos)
Anne Kyara Santos Penido (7 anos)
Fellipe Edmundo Santos Penido (9 anos)
Anelita Barbosa dos Santos (49 anos)
Celide Leite da Silva (49 anos)
Marcos Vinícios (13 anos)
Luiz Felipe (23 anos)
Gilvan (22 anos)
Genivaldo Batista Neves (25 anos)
Josildo Santos N. de Miranda (55 anos)
Evelyn Caroline Santos de Novais (15 anos)
Valéria Santos Correa (18 anos)
Devison Lucas Santos Pereira (8 anos)
Jeferson Santos Barbosa (8 anos)
Kayo Raphael Sousa Santos (12 anos)
Sirleide Santos Pereira (40 anos)
Gleissen Santos Pereira (22 anos)
Larissa Emanuele Santos Pereira (20 anos)
Maria Cecília Santos Pereira (93 anos)
Camila Santos Pereira (7 anos)
Graciele Santos Ferreira (20 anos)
Agnaldo Santos Ferreira Guina (52 anos)
Maria das Neves Santos (73 anos)
Manoel Alves Silva (73 anos)
Salvo Braz Vieira (66 anos)
Ronaldo Adriano Sousa Xavier (40 anos)
Reinaldo Borges de Souza (18 anos)
Ronivaldo Borges de Sousa (13 anos)
Romildo Borges de Sousa (8 anos)
Janete Borges dos Santos (49 anos)
Enequina Souza dos Santos (Nedla) (49 anos)
Edjackson Santos de Novais (Bibi) (14 anos)
Lilian Marcia Magalhaes Marques (Pequena) (37 anos)
Diógenes de matos Oliveira (49 anos)
Emarillya Magalhães (Ninha) (13 anos)
Pedro Pereira Soares (38 anos)
José Tadeu Ribeiro (45 anos)
Sanilto Ribeiro Ferreira (45 anos)

Antonio Carlos (46 anos)
Maria Gonçalves de Queiroz (57 anos)
Pedro Oliveira Ferreira (50 anos)
Mauricio Magalhães Marques Pereira (15 anos)
Gilmar dos Santos Oliveira (34 anos)
José dos Santos Neves (69 anos)
Maria Jereci Lopes Dourado (61 anos)
Ergina Pereira dos Anjos (Títica) (81 anos)
Joaquim Francisco de Souza (81 anos)
Gilberto Francisco de Souza (38 anos)
José de Jesus Rodrigues (59 anos)
Alzenir Barrozo Lima (Tina) (41 anos)
Jorge Francisco dos Santos Barboza
Maria das Dores P. da Silva (Dora) (49 anos)
João Batista J. da Silva (54 anos)
Vicente Alcides Maria Ribeiro (63 anos)
Matheus Enrique Vitorino dos Santos (7 anos)
Daylton Santos Ramos da Silva (24 anos)
Marcelo Xavier da Silva

Equipe de Pesquisa:

Alzení Tomáz – SABEH/Nova Cartografia Social
Amanda Couto de Medeiros – Mestranda PPGSAT
UFMG/UNIMONTE
Bruno Henrique Nogueira Cardoso – CPP Minas
Gerais Gilmar Santos (CPP – BA)
Juracy Marques - SABEH/UNEB/Nova Cartografia
Social
Leticia Aparecida Rocha – CPT/Opará UNIMONTES

Neusa Nascimento - CPP/MG
Paula Cordeiro – UFBA/Cartografia
Social
Paulo Wataru Morimitsu – UNEB/SABEH
Rafael Pereira Santos – UFVJM CPP
Minas Gerais
Sílvia Janayna Oliveira Veriato - SABEH
Elaboração do Mapa:
Paula Cordeiro, Alzení Tomáz, Gilmar
Santos, Bruno Cardoso, Rafael Pereira
Santos, Leticia Rocha)

Fotografias

Alzení Tomáz
Bruno Henrique Nogueira Cardoso
Leticia Aparecida Rocha
Rafael Pereira dos Santos
Arquivo CPP

Projeto gráfico

Philipe Teixeira



Comunidade Quilombola Pesqueira e Vazanteira de Croatá
(Tomáz, 2017)

Ficha catalográfica

C328

Cartografia social de povos e comunidades tradicionais do Rio São Francisco – Comunidade Tradicional Quilombola pesqueira vazanteira de Croatá / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 03 (Fev. 2018) / Coordenação da pesquisa: Alzení Tomáz et al. – Manaus: UEA Edições, 2018.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-465-4

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Quilombolas I. Título.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

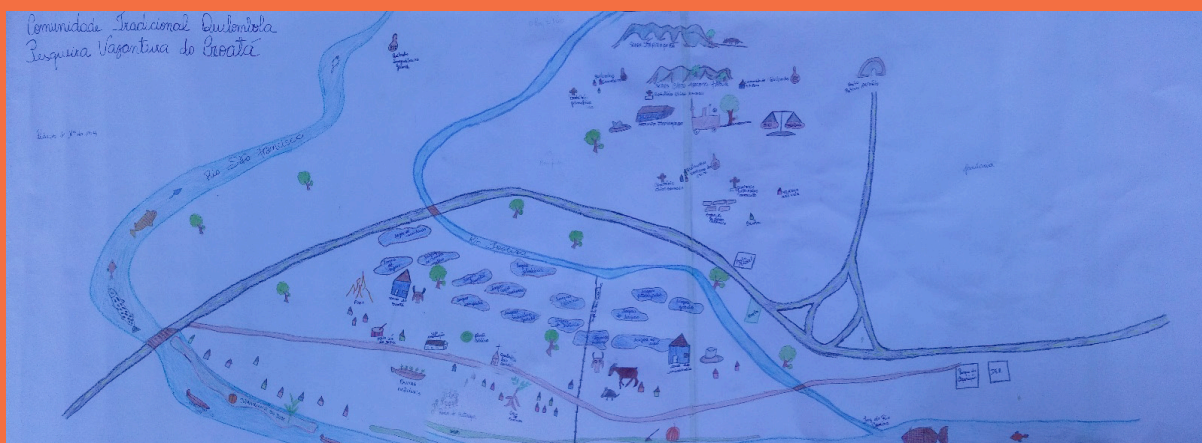
A CARTOGRAFIA SOCIAL



Oficina da Cartografia (Bruno Cardoso, 2017)

“ Nós estamos dispostos a colocar nossa história no papel. Quem faz a cartografia somos nós. Nós somos os autores da Cartografia. Por isso precisamos dela para nós fortalecer na luta”.

Enedina Souza Santos



Croqui da Comunidade Quilombola de Croatá (2017)

“ Nossa Comunidade chama comunidade quilombola, pesqueira e vazanteira de Croatá. Nós somos quilombola de sangue e de verdade é por isso que estamos aqui fazendo essa cartografia que é pra poder dizer o que nós somos”.

Anelita

IDENTIDADE, HISTÓRIA E TRADIÇÃO



Apresentação da comunidade sobre as histórias e os recursos naturais (Cardoso, 2017)

“Aqui se chama Croatá, porque tinha muito caroá, uma planta nascida no chão e cresce pequeno. Você tira as folhas e tira a seda dele e faz a rede e tira para fazer tarrafa e rede. Hoje não tem mais caroá porque o fogo acabou com tudo, foi o desmatamento do fazendeiro e um fogo que ele colocou aí”.

Joaquim Francisco de Souza

“Nós somos Quilombola, Quilombola tem o sague quente. É só ver um tambor zuando e já começa o batuque”.

Marias das Dores Pereira da Silva

“Desde antes do fazendeiro nossos pais, nossos avós estavam aqui. Meus pais já estavam aqui desde 1950 nessa fazenda e eu nasci aqui em 1957. Em 1982 meu pai foi expulso com nós pelo fazendeiro. E nós tivemos que ir para a cidade, para Januária. Em 1988 até 1996 esse trabalho nosso foi avivando e levantado. As fazendas foram perdendo mais o pique. O banco foi tomando e em 1998 a gente pegou mais uma forcinha na organização e em 2012 nos reforçamos esse trabalho com o movimento. O trabalho do movimento trouxe para nós mais divulgação e apoio. Aí chegou ao ponto que nós criamos essa mentalidade que somos família tradicional. Foi através do movimento que trouxe para nós essa graça e esse apoio”.

Arnaldo, 60 anos

“Aqui é um território. Aqui não é qualquer terra, aqui é uma terra que tem tradição. Antigamente aqui tinha o pessoal velho, os moradores antigos. A gente está aqui e está retomando e tomando de conta daquilo que já é nosso”.

Marcelo Xavier da Silva

“Nós somos quilombolas pelo nosso viver, praticar o trabalho com a natureza entendendo o que nós produzimos, o que nós sobrevivemos, alimentar. Um alimento saudável. Um alimento sem veneno, respeitando as leis ambientais. Deixando a sociedade preocupada por ser um povo diferenciado, dos antepassados. Nós temos uma bandeira diferenciada. Um quilombola original é aquele que entende, convive e respeita a parte ambiental das reservas”.

Arnaldo da Silva Vieira, 60 anos

“Nós temos uma história diferenciada, que vem dos antepassados, nossos avós, primos, tios. Tudo na luta pelo território. Sempre temos aquela tradição de luta. Negro

sempre foi escravizado, porque nossos antepassados sempre deixaram essa relíquia para nós. Nosso povo sempre foi escravizado pelos fazendeiros, agregados pelo fazendeiro. Trabalhava com troca de serviço por comida. Quando plantava uma roça, tinha que ser roça pequena, não podia ser grande. Não podia criar um gado, porque quem podia era só o fazendeiro, que se submetia a trabalho escravo. A gente vivia trocando o trabalho por um prato de comida. Falava, você mora naquela terrinha ali, você trabalha para mim. Não tinha remuneração. Aí quando não cumpria as regras, expulsava, mandava embora sem direito a nada. Por isso que nós lutamos pelo nosso território. Eles estavam sempre lutando pela dignidade, pelos direitos, pelo trabalho, sempre na luta pelo território. Os nossos antepassados deixaram essa luta para a agente e nós estamos na luta aí hoje. Deixaram a luta, a luta tem que existir sempre. Sem luta não tem vitória. Então acho que um puxa o outro, tanto pelo sofrimento, pela necessidade e luta por um território que sempre foi quilombola e nunca do fazendeiro. O fazendeiro sempre grilava e falavam é meu, é meu. É meu paguei. Território que nunca pertenceu a ele”.

Enedina, 49 anos

“ Quilombola, por que? É o seguinte porque foi exprimido pelo fazendeiro, pelos maiores que faz a distância (seu limite). Eles marcam ali, você está ali dentro você desocupa e vai para outro lugar e ele vem atrás com o capim e o gado. Por isso eu acho que é por isso que nós juntamos a comunidade para ter força. Porque um só não faz”.

Juscelino

“ Eu trago uma revelação de tempo passado, aqui é um ponto de família tradicional. Era um ponto de bebida de água nas épocas de secas. Todos saiam das baixas e do alto para pegar água aqui. Aqui era fonte de água. Aqui tinha Mariona (Mãe Velha) que era Mãe de Pegação, parteira veia das crianças que nasceu aqui nesse território. Tinha Clotilde benzedeira, Baiana que sobrevivia ali perto daquele cemitério do carrasco, tinha Bastião que tinha tradição de Folia de Reis, de São Gonçalo e de Ladainha”.

Arnaldo Vieira, 60 anos

“ Dinha Rosa, chamada de Rosa cachimbeira porque ela usava cachimbo. Tinha Valdemar Paciência que sobrevivia nessa área. Tinha também Sá Minergira que era frente de Ladainha. Tinha também Dona Rosa mulher de Zé Cai N'água. Zé Cai N'água era um quilombola antigo que trabalhava de escravo para o fazendeiro Astero Itabaiana, também Osvaldo da Silva Vieira, meu Pai que trabalhava como escravo no curral da grama que fica a uns 50 metros de distância daqui.

Arnaldo Vieira, 60 anos

“ Meu nome é Anelita. Sou pescadera, vazanteira e quirambola. Eu gosto muito de pescar. Sei tecer rede. Sei tece tarrafa, sei jogar tarrafa e sei colher rede. E é isso que a gente vive aqui na nossa comunidade. É plantar ilha, plantar horta e mexer com horta e mexer com porco. Eu sou pescadera desde 12 anos, porque eu pescava mais meu pai. E não tem vergonha de falar, né. Ter vergonha para que? Sou pescadeira mesmo. E sei tecer qualquer tipo de rede que a pessoa quiser. Sei jogar tarrafa também, nesse rio aqui né. Lindo e maravilhoso. Sei nadar, sei

remar, sei mexer com barco. Sei mexer com tudo que você pensar de pescaria”.

Anelita

“ Eu sou da comunidade quirambola do Croatá. Sou nascido na beira do rio, moro na beira do rio. Meu sustento vem da beira do rio. Moro na beira do rio. Sou pescador artesanal. Sou vazanteiro aqui da comunidade. Estou com 43 anos e continuo até hoje pescando. Pesco de rede e de tarrafa e pesco de colfo, uma tradição antiga de pesca, feita toda de cipó, pesco de anzol. E o mais é preservar a natureza, sempre cuidando da preservação. Quando a gente tem tempo a gente vai com o barco cantando o lixo no rio e traz o barco cheio e vai pro seco e caça um canto e põe fogo. Sempre cuidando da preservação. Nós temos que preservar o que nós temos. Sem a pesca e a vazante nós não conseguimos viver. O rio São Francisco para nós é o grande ouro do Brasil”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Então a única coisa que ficou para nós foi a água e a terra na beira do rio porque é nossa. Nós não temos condições de ir lá na rua pegar água tratada e beber. Nós, não! Nós toma é água do rio. Nós é acostumado beber essa água do rio. Nós cavamos um poço aí. Nós vive é do rio e trabalha na terra seca aqui. E quando nós sai daqui? E tem outra coisa, aqui onde nós mora vem água. Nós vamos querer reserva no alto, porque se nós ficar, a água, leva nós. Porque na hora que a água correr e baixar nos acompanha. O rio subiu para lá, nós volta para cá de novo”.

Hamilton Marques Almeida

“ Aqui é um território quilombola, pesqueiro e vazanteiro. E o nosso território amplo que também deve ter

terra de retiro e que tenha lagoa e lugar de natureza para preservar e gerar fruto e caça (tiramos ou não a palavra caça?) porque aqui enche de água. E também queremos nosso cemitério que está lá na serra que tem nossas famílias, nossos antepassados lá no carrasco, lá. Lá, tinha várias capelas, a nossa aqui nós vamos construir, já tem o lugar. A capela está do outro lado, na Várzea da Cruz, na Gameleira, na Grama. Tudo era lugar de fazer as rezas, as ladainhas”.

Arnaldo da Silva Vieira

UM MODO DE VIDA - O LAMEIRO, A VAZANTE E A PESCA ARTESANAL



Pesca Artesanal como modo de vida
(CPP, 2017)



Seo Crindim, a roça de milho e um peixe carinhanha (Arquivo CPP, 2017)

“ A gente vive da pesca e da vazante, plantando nos lameiros e nos baixões. Os lameiros é quando o rio enche e aquela parte da lama fica da cor de cobre. E quando o rio abaixa, fica aquele lameiro e a gente planta nele. Portanto, só planta na época que o rio vem e abaixa. A gente sempre espera a cheia de São José para plantar. O ano passado mesmo eu plantei na vazante na Ilha de Pedro Preto. Veio a cheia e eu perdi, daí tornei a plantar. Porque o que é do rio ele carrega”.

Enedina, 49 anos

“ Em janeiro, fevereiro e até finalzinho de março dá para plantar. Quando tem as chuvas, mas agora com essa mudança de tempo das chuvas não tem como. Ano passado eu plantei em janeiro e fevereiro: milho, caxixe, feijão e quiabo e colhi no mês de junho e julho. Este ano eu plantei, mas não foi o previsto, não. Não vai ter milho suficiente para o mês de julho. O Baixão é quase igual o sangrador, né. O lameiro é no rio”.

Enedina, 49 anos

“ O Ilhote também é uma vazante aqui da comunidade. E inclusive lá moraram durante muitos anos muitas famílias de Dona Lídia na Ilha do Ilhote. Eu não tenho parentesco com

a família da Lídia Batista. Nós temos parentesco com moradores que moram lá no Sangradouro, Gameleira, Várzea da Cruz, Caraíbas, esses são tudo Quilombo”.

Enedina, 49 anos

“ Aqui a gente tem a agricultura do alto. Nele a gente cultiva a mandioca, a gente também faz o plantio da cana, planta a cana, mas também tem que ter bastante água porque senão o cupim toma de conta. Tem a horta mandala que a gente planta a cebolinha, o coentro, o jiló, a beterraba (deu muito bem), a cenoura, a abobrinha compridinha, a abóbora japonesa, tomate, pimenta nem se fala”.

Enedina, 49 anos

“ Nós faz a rocinha tudo junto plantando o milho, plantando a abóbora, a moranga e também a batata doce. Na nossa comunidade tem 3 ilhas: tem a Ilha do Ilhote, Ilha de Pedro Preto e Ilha de Zé cravo. Essas duas últimas era tudo ligada. Ela tem uma divisão. Eu trabalho nessa área dos vazanteiros. O presidente sou eu. Então essas ilhas tem uma separação. O que faz a separação é a água”.

José dos Santos Neves, 69 anos

“ Na ilha tem várias vazantes, um pedacinho de um, um pedacinho de outro. Tem várias vazantes, tem várias pessoas. Só que esse pessoal vem e cuida daquele pedacinho de terra e vai embora. Não mora, não tem morador”.

José dos Santos Neves, 69 anos

“ Meu dia a dia é cuidar de galinha, cuidar de porco, cuidar de uma planta. Aqui a gente planta de tudo. Planta platinha de enfeitar casa, planta frutífera, laranja,

limão, manga, árvore que só dá sombra e assim a gente vai levando a vida. Na hora que tem um tempinho, pega o anzol vai no rio e pesca. Eu pesco mais de anzol ou na varinha e na linhada. De tarrafa e de rede eu ainda mexo, mas o anzol é comigo mesmo. Eu faço de tudo. Eu faço tapete, faço crochê, faço ponto-cruz, faço aplicativo em pano de prato com cultura na mão”.

Maria Cleonice Pereira Barbosa, 49 anos

“ Eu mexo com porco, galinha. Planto umas plantas, planto um milho. Quando eu tenho um tempo vou com meu esposo para o rio pescar. Outras horas eu pego a varinha e vou para o rio sozinha. Eu pesco de linha jogada, de varinha. De rede e tarrafa eu pesco com meu marido. Ela tarrafeira e eu só remo”.

Maria Iraci Pereira Lopes, 61 anos

“ A gente cria porco, cria galinha, planta vazante. Planta tudo para a gente colher para dar os frutos bons para os nossos filhos. Eu também pesco. Eu gosto também de pescar. Eu pesco de anzol, de varinha mesmo. Linha jogada mesmo. Nós tudo tava na retomada do território. Teve apuro demais. A gente está aí. Com fé em Deus nós vamos conseguir, mas estamos aí. Para mim foi ter esse direito de poder ter as coisinhas no quintal da gente. Mais o melhor é ter o rio aqui perto. A gente vai, a agente pega um peixe para a gente alimentar mesmo e tudo em paz entre a gente e na união”.

Sirleide Santos Ferreira, 40 anos

“ Aqui é a horta mandala. Tem as hortaliças na mandala. Para o lado de fora tem as hortas e para dentro tem os galinheiros. Aqui se aproveita tudo. O que produz na horta que não pode ser vendido ou consumido a gente joga lá dentro para as galinhas comerem. Aí o que elas produzem, que é o adubo orgânico, serve para produzir o adubo orgânico. Ali tem a cebola. Essa planta aqui também é muito boa. É medicinal, serve para quebradura, para verme, ela chama Matruz. Aqui também tem jurubeba”.

Raimundo Oliveira Santos



Plantio de hortaliças e produção de galinhas de capoeira (Cardoso, 2017)

“ O rio São Francisco é sagrado para nós, mata a fome de rico e pobre”.

Maria Iraci Pereira Lopes 61 anos

“ A primeira vez que eu dei o lance de rede, você viu. Eu peguei um pirasinho. O segundo lance de rede eu não peguei nada. Há vinte anos atrás eu dava um lance de rede desses aqui. Há vinte ano atrás aí, eu dava um lance de rede desse e pega mais de 30 ou quarenta curimatá de um quilo e dois quilos. Hoje como você viu eu soltei um lance aí e eu não peguei nada. Eu peguei um pirasinho (pirá peixe proibido e aí? Não é um tiro no pé?) para dividir para nós três aqui. Além disso, tem mais 3 mulheres nossa, três filhos daquele, um filho desse e três filhos meu. E a sobra é do osso é do cachorro e do gato (risos). Não tem mais peixe mais, por conta da briga, por conta do desmatamento, por conta do veneno, por conta disso, por conta daquilo, por conta de tudo e vai juntado. Por que nós que é o ribeirinho, nós fica sem nada. Qual recurso que nós temos. Nós estamos sem recurso. Qual a fonte que nós temos? A fonte de nós viver é isso aqui. Agora é nós esperar o rio baixar para nós ir para o lameiro, planta ao menos as vazantes, uma abóbora, uma mandioca, um caxixe, um feijão, um milho. Daqui sessenta dia nós temos um milho para comer. Que agora nesse momento nós não temos nada. Por isso nós vamos brigar e defender nosso território, nós vamos tomar o que é nosso de quem tem o que não é dele para preservar. É um direito nosso e não tem que tirar. E nós estamos na luta”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Aqui tem mulher que pesca de rede, de tarrafa. Nós aqui vivemos é do peixe e da roça. A gente fala isso, que vive da pesca, porque nasceu os dentes dentro do rio. E a gente mexe com vazante também”.

Anelita

“ Vazanteiro também é uma tradição. Porque que surgiu o vazanteiro? Os fazendeiro?. Naquele lugar que o rio entrava, o terreno ficava limpo. Como não tinha lugar para trabalhar então plantava naquele lugar que era limpo. Então porque que surgiu vazanteiro, por conta disso. Aí tinha que plantar nos lameiros”.

Hamilton

“ A pesca é fundamental para mim, ajudou a criar meus filhos. O peixe é para sobrevivência, para alimentar e vender para obter as outras coisas para a necessidade. Isso nos ajudava muito. Nós pescávamos de rede, tarrafa e anzol. Esse é o tipo de coisa que nós sempre utilizávamos na pesca. Tudo isso a gente fazia no barco e no remo. A pesca era feito em grupo de 8 a dez pessoas. Na vazante a gente plantava abóbora, feijão, milho, quiabo, maxixe, feijão verde, feijão catador, mandioca, alho, cebola, hortaliça, no geral é isso”.

José dos Santos Neves, 69 anos

AS PLANTAS MEDICINAIS



Uso das Plantas medicinais como modo de vida (Tomáz, 2017)

“ Eu moro na cidade, mas aqui é meu caminho, minha estrada. Aqui tem melancia, tem abóbora, milho, feijão verde, rama. Se plantar tem muita cebola, alho e coentro. Tem capim santo. O capim Santo serve para gripe, a erva-cidreira serve para pressão baixa, o tipi serve para dor de cabeça. O pau-terra serve para dor de barriga e disenteria, a goiabeira serve para disenteria e vômito”.

Dona Nair

“ A resina de jatobá com azeite serve para quebradura. A jurubeba serve para gripe. A folha da pimenta com espinho pode ser usada para tirar o espinho de algum lugar. Se você colocar ela no fogo, ela puxa o espinho para fora de novo. O matruz serve para queimadura, para verme e para verruga. Só dar e batata, bate e ele e dá um remédio bom demais. A jurubeba serve para gripe e bronquite. Tem a rosqueira que serve coqueluche e bronquite, tem muito mato que é bom. A folha de algodão que é medicinal que é antiinflamatório, que serve para gripe. Tem a quixabeira que serve para gastrite, úlcera. Tem o malvão para dor de barriga, tem hortelã. Tem a cascad’anta que serve para dor de barriga, dor de espinhaço, dor nas pernas. Tem o cipó de lagartixa que serve para dor no espinhaço e dor na coluna. E por aí vai, tem várias plantas aqui na região que serve para vários tipos de doença”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Aqui tem o Juá de Boi para bronquite que médico nenhum trata. Ele vai pegar o juá de boi. Vai rapar um pouco da casca. Vai pegar dois copo. Na hora que ele começar ferver. Vai passar de um para o outro. Ele vai espumar muito, na hora que baixar a espuma você pode tomar um pouquinho. Não tem asma e nem bronquite que não cura. É o juá de boi. E isso usa para fazer sabão. Isso dá um sabão que não tem soda que passa. Antigamente nossos avós usava ele para fazer sabão. Porque não tinha sabão. Como se fala, a gordura de porco e a cinza de qualquer uma madeira e você faz decoada para fazer o sabão, fica a mesma coisa e mais forte que a soda. As outras árvores medicinais que tem, a maioria que existe nós conhece quando está na mata, porque estando lá a gente lembra de tudo, porque assim falando daqui a gente não lembra tudo”.

Hamilton Marques de Almeida.

“ Tem a batata de teiú. Serve para tudo. Ela é contra veneno. O teiú briga com a cobra. A cobra morde o teiú. O teiú dispara na carreira. Ele vai lá e come a batata do teiú e vem para briga mais com a cobra novamente, come ela. Ele come ela porque quando a cobra morde ele de novo não faz mais efeito porque ele já comeu a batata do teiú. Num faz mais efeito nele não! E tem aquela planta lá o araticum que serve para mordida de cobra igual eu te falei. Serve para mordida de cobra se a cobra

morde um bicho, você tira a casca dele e marra no pescoço do bicho, na mão ou no é e o veneno não faz efeito entendeu? E tem a pitomba preta é aquela é uma frutinha, ela faz o que? A casca dela é usada para dor de barriga, cumu não tem, melhor não tem. É ótima. A fruta dela o menino come. E a casca dela você pode levar e dar para mulher lavar o cabelo. É ume excelente remédio”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Tem o Jenipapo que serve para fazer vinho, xarope. Quando a criança a criança está tocindo faz o xarope com jenipapo para dar”.

Erizeni

“ Quando tem cobreiro a gente passa limão com pólvora. Você pode pegar a folha do Tipi e passa a folha encima, ou então passar o sumo”.

Hamilton Marcos de Almeida

“ Isso aqui é uma bata medicinal que eu tirei aqui da terra. Tá vendo a cabeça dela. É só para quem conhece. Só você teve ruim do estômago, você pode abrir a casca e pegar a mandioca (tubérculo) e vai discando ela. Pena que eu tô com a mão suja. O certo é descascar ela com a mão limpinha e pegar três cabecinha dessa, quebra ela no meio e joga dentro de um copo de água limpinha e joga dentro de um copo. Ela é um purgante. Se você tomar isso aqui você caga a noite e o dia direto. Isso aqui é um remedião que ninguém conhece”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Aqui é porque está formando agora. Ele fica mais grosso, igual aqui no pé. Isso aqui é cipó de fazer colfo de pegar piranha. É cipó de lagartixa. Ele também serve de remédio. Nos tira ele para fazer imbira (embira). Tá vendo as imbira, é uma corda que serve para fazer balaio. Você pode ver que esse cipó está diminuindo, em extinção. Ele está fininho e lá encima queimado. É fogo de fazendeiro que queimou. Mas é um cipó de grande utilidade para a gente aqui”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Umburana de cheiro, croá, pau terra, mel junco, quixabeira, juazeiro, aroeira, marcela, algodão, moleque duro, angico, algodão crioulo, jatobá. Tudo é remédio”.

Enedina

CONFLITOS DE TERRITÓRIO



Apresentação da Comunidade sobre os conflitos territoriais (Cardoso, 2017)

“Do território nós não saímos. Porque nós não queremos voltar naqueles tempos que nos era escravo do fazendeiro. Não queremos ser escravo de fazendeiro nenhum. Pai mesmo. Pai era obrigado ser escravo”.

Hamilton

“Voltando no território tinha a Beata e minha avó Baiana que sobrevivia ali ao lado do cemitério do carrasco (lugar seco no alto e sem rio), que hoje está dentro de uma terra que eles falam que é de Eustáquio e João Martins e terminando, nós temos moradores daqui até na Varginha. A Varginha também era lugar de retiro, tinha nascente de água. Hoje a nascente está destruída, aterrada pelo fazendeiro. Área de retiro é área de nós retirar da enchente do rio, das enchentes de cheia grande. Então aqui era lugar de nós retirar e sobreviver. Então, aqui no retiro era lugar de nós retirar e sobreviver e trazer a nossas criações para não morrer afogada”.

Arnaldo Vieira, 60 anos

“Desde 7 anos que eu moro aqui, meu pai trabalhava aqui, mas agente morava do outro lado do rio. Nessa época estava sobre domínio do fazendeiro. Meu pai conseguiu trabalhar aqui numa gleba de terra. Ele trabalhava aqui para o fazendeiro. Ele trabalhava um ano naquela área, depois o fazendeiro tomava e tinha que ir para outra”.

José dos Santos, 65 anos

“ O lameiro é uma terra baixa na frente do rio. Era assim era sobrevivência da gente. Aí chegou um determinado tempo que trocou a fazenda. Trocou de dono, não é. O outro dono não deixou a gente trabalhar na terra alta. Aí a gente ficou trabalhando na frente do rio. Era aqueles lameiro que tinha na frente do rio, onde o gado descia e a gente fazia uma cerca na roça. E mesmo assim, a gente perdia a roça, que o gado vinha e comia”.

José dos Santos, 65 anos

“ Tá vendo como estão as coisas no rio. O rio está cheio e sujo. Não pega nada. Tem que limpar o lance. Se fosse no mês de agosto ou de setembro pegava muito”.

Hamilton Marques de Almeida

“ Então, antigamente o meu avô, o meu bisavô, meu pai, criou a gente na beira do rio. Carne era difícil. Isso aqui era tudo mato. Mato muito bravo mesmo. Isso aqui tinha muito bicho, muita coisa. A gente morava na beira do rio. Carne, era só coronel que comia carne. Para matar um gado, para comer uma carne, era difícil demais. A gente não achava não. Os pais da gente criou a gente com a caça, com a pesca. Só que naquela época eles faziam o quê? Eles iam pro mato. Iam e matavam um veado, aí eles pegavam e dividiam com a família. Era a semana toda comendo. **Só ia caçar outro quando aquela acabava.** Então não era predatório. O que cabou com a caça foi o fazendeiro”.

Raimundo Oliveira

“ Você pode olhar a beira do rio aqui. Do lado que nós habita, nós estamos preservando. A mata está comum aqui óh! Olha do outro lado o que o fazendeiro está fazendo. O fazendeiro já

desmatou tudo, está tudo desmatado, pode observar. Do nosso lado a mata tá normal. Nós temos muito bicho. Nós temos tamanduá bandeira, nós temos melete, nós já temos umas espécies de onça, umas espécies de camaleão, da beira do rio São Francisco, nós tem. Nós tem capivara, lontra. Nós tem tudo. Tá tudo aí. Tá começando agora. E isso daqui só tem uma sementinha agora para começar. E isso daqui vinte anos nós vamos ter. E olha lá do lado do fazendeiro como é que está sem mato, e algum p bicho pode ir para lá?”.

Hamilton Marques de Almeida

“ O fazendeiro adquiriu nossa terra porque tinha poder e tinha dinheiro e tinha documento, documento falso mais tinha. O documento era falso porque tinha o dinheiro para compra eles. Nós não tinha dinheiro e ficava mandado por eles”.

Maria Cleonice

“ O fazendeiro chegou, disse que comprou, trouxe um papel, falou que era dono. Expulsou quem já era morador e trouxeram a lei para mostrar diante do Juiz que eles eram donos da propriedade, esse é o conflito. Antigamente era assim, sai por bem ou por mal, pode custar o sangue”.

Arnaldo da Silva Vieira 60 anos

“ O território nos tempos passados era nosso, era do povo antigo, nós estamos tomando conta. Hoje tem 1 que fala que é dele. Esse território é nosso porque nós fazemos parte do povo antigo”.

Marcelo Xavier da Silva

LUTA E ORGANIZAÇÃO

“ O movimento veio e melhorou isso para a gente e melhorou. Se Deus abençoar, se tudo ocorrer bem, e se Deus abençoar. Dá para agente sobreviver. E se tudo dar certo a coisa vai ser bem melhor para nós. No Baixão cada um tem o seu pedacinho de terra, as vezes eu e você somos vizinhos de roça. Vamos dizer assim que eu tenho 02 hectares e você tem 2, mesmo que não tem. A gente separa no meio aí nós divide aquele pedaço. Nesses quatro hectares e eu tenho 2. Aí eu divido o meu com meus filhos. Só que nós trabalhamos tudo coletivo. Aí eu tiro um pedacinho pro meu filho, mas a gente trabalha junto. Ele me ajuda e eu ajudo eles”.

José dos Santos Neves, 69 anos

“ Depois dessa retomada. E a gente está juntando novamente. O povo lembrou que a gente tem um rastro aqui, vamos para lá. Tá se juntando de novo e no trabalho. Que era um trabalho bom. Que não tinha droga. A única coisa que tinha e rolava era uma cachacinha. Tinha muitas pessoas que gostavam de uma pinguinha. Mas não tinha confusão. Graças a Deus a gente tem muita esperança em Deus que a gente vai ter um sossego. Eu mesmo tenho uma filha que trabalha em terreiro. Ela mora em Cônego Marinho. Ela é casada. O padraço do marido dela trabalha com Centro e ela trabalha com eles. Aqui tem Reis e São Gonçalo. Tem rezador. Tem seu Joaquim que reza. Tem o Gezim, o Zé de Jesus o nome dele né. Reza de quebrando, Reza de tirar sol. Tira sol é uma reza que pega uma garrafinha branca e enche ela de água. Pega uma toalha branca. Dobra e amarra na cabeça da pessoa e

começa a rezar. E ela começa a soltar umas bolinhas na garrafa. Ela tira sol e sereno. Ele, o Gezim, sabe fazer. Não sei seu Joaquim porque ele está cego. Não sei se a dona sabe (esposa de seu Joaquim). Ela sabe outras rezas”.

José dos Santos Neves, 69 anos

“ A ocupação foi feia, mas nós estamos aí. Não tá ganhando ainda não, mas estamos aí. Aqui com a ocupação do território a gente aprendeu a viver. O povo aqui é muito unido, se não tivesse a união do povo não teria chegado no ponto que chegou aqui na comunidade. Aqui cada um tem sua casinha, sem depender de fazendeiro nenhum. Se nós não tivesse essa união aqui ainda era pasto, entendeu?”.

Eveline Barbosa Santos, 28 anos

“ Eu pesco também. Eu faço flor com a folha de E.V.A. Faço arranjo de flores. Eu fiz curso. A ocupação foi feia, mas nós estamos aí. Não tá ganhando ainda não, mas estamos aí. Aqui com a ocupação do território a gente aprendeu a viver. Aqui é um território tradicional, um território quilombola. Um território das famílias que precisam desse solo, dessa terra preciosa para trabalhar e criar seus filhos e gerações futuras. Porque a gente está aqui hoje deixando um futuro para os nossos filhos, netos e bisnetos, para deixar para nossos filhos netos e bisnetos, para passar para gerações da mesma forma que foi no passado”.

Enedina

A FOLIA DE REIS, A TRADIÇÃO DE TERREIRO: FOLIA DE REIS E O SÃO GONÇALO



Família de Folia de Reis, guardiões da tradição (Tomáz, 2017)

“ Minha mãe era de terreiro, ela saía com uma sua sacola de roupa branca, ela frequentava a casa de Dona Tiodora que é de mesa branca e também era parteira. Depois que ela faleceu, mãe foi frequentar o Candomblé com o tio Pedro que veio a falecer. A partir daí, minha mãe não foi mais para outros terreiros e por isso ela ficava com o corpo bem doido. Os guias cobravam. Ela não ficou tendo a confiança de ficar desenvolvendo o trabalho com outras pessoas. Ela só confiava na Dona Tiodora e no Tio Pedro. E mãe nunca levou a gente”.

Enedina, 49 anos

“ Com o passar do tempo. Eu já com meus 32 anos eu encontrei com seu Anésio no mercado e ele falou comigo: você não foi lá desenvolver, né!? Eu gosto muito de chifre, eu uso muito chifre eu coloco no galinheiro, na casa, no chiqueiro, nas hortas, porque serve para mau olhado. Pego aquelas tiras vermelhas e amarro tudo na horta. Gosto de ervas como comigo ninguém pode, espada de São Jorge, Pião roxo. Minha mãe não frequenta mais Centro nenhum, mas guarda muita coisa. Não passa embaixo de cerca, não pula cerca, não come certas coisas naqueles dias. Os dias do terreiro é na terça, na quarta e na sexta. São esses dias aí. Ela tem muitas coisas guardadas de ensinamentos”.

Enedina, 49 anos

“ O povo tem várias crenças. Tem espírita, benzedor, católico e evangélico, tem de tudo um pouco. Mas a comunidade precisa e tem necessidade de ter uma capela. A luta sem Deus não é nada. Muitos fazem suas orações em casa e muitos não têm costume de jeito nenhum. Então tendo a sua capela. As vezes a gente quer ter aquele momento sozinho. A gente pode ir a capela e fazer suas orações, fazer seus pedidos. A gente está resgatando algumas celebrações. Porque existiam no passado as benzedoiras, o São Gonçalo, as Lapinhas nas suas casas”.

Enedina, 49 anos

“ O povo gostava de aniversário, casamento. Fazia o casamento lá em Januária e vinha para cá na roça. Aí fazia aquelas festas. Comida, né. O casamento na roça é muito voltado para a comida. Aí já fazia Festa de Reis. Ele é anual. Ele é uma tradição que faz. Ela é uma tradição de pais para filho. O pai falece, o filho pega a doutrina e fica festejando, uns festejam Bom Jesus, Santo Reis, Massão Sebastião (mártir São Sebastião), tem de Santa Luzia”.

José dos Santos Neves, 69 anos

“ João Lucas da Comunidade mexe com benzeção. Minha sogra e meu sogro, se tiver uma criança doente eles benzi. Benzi animal, se uma cobra morde eles benzi. Gente ofendido de cobra eles benzi. Nós tudo tava na retomada do território. Foi feio. Não foi muito legal não. Para mim, hoje está melhor de quando a gente chegou”.

Maria Iraci Pereira Lopes 61 anos

“ Aqui não tem casa de candomblé, mas aqui tem gente no nosso meio que é. Seu João Lucas é do candomblé. João

Lucas mexe com dança com aquela roupa branca e fica dançando na frente. Ele é Pai de Santo. Eu sei benzer quando o espinho do peixe entala na garganta. Nós tudo tava na retomada do território. Foi difícil”.

Anelita

“ Eu sou Juscelino Marques de Oliveira. Tenho 33 anos. Nasci na Beira do rio. Tô criando meus filhos na Beira do Rio São Francisco. E sou da comunidade quirambola do Croatá. Minha história é a seguinte. Nós mexia, trabalhava na ilha e com casa de farinha na ilha. E um dia, umas 8 horas da noite, na hora que a gente descia sempre para ir no rio, o meu irmão nesse dia saiu na frente correndo. Nós era em quatro pessoas. Quatro rapazinhos, sabe. Uns molecote. Só que ele não foi para a beira do rio. Ele escondeu no mato. E nós passemos direto. E nós chegando no porto, na beira do mato. Um pulou dentro d’água. Nós chegou e pulou atrás também. Daí a pouco ele vem de traz de nós no seco e foi falando. Vocês entram dentro d’água. Vocês num tem medo de nada aí não. E nós falou – Não! Aí nos perguntamos, você não pulou dentro d’água. E ele falou: _Não! Eu não pulei dentro d’água não! Eu tô todo sequinho, como é que eu pulei dentro d’água. Aí nós perguntamos. Quem foi que pulou dentro d’água. Foi o caboclo d’água. Isso aí eu falo que eu presenciei. E outra vez também eu vi só a cabeça. Isso aí eu vi. Eu falo e afirmo que eu vi. A cabeça na proa do barco. E vi os olhos. A cor era enverdecida. Pra mim eu acredito que é ele. O caboclo d’água”.

Juscelino Marques de Oliveira, 33 anos

“ A nossa família é das famílias do cachimbeiro”.

Pedrão

“ Música: Deixa o boi beber vaqueiro, deixa o boi beber três dias. Esse boi não bebe nem come. Ela vai beber na Bahia”.

Joaquim

“ São Jorge levantou seu pé direito ele vai calçar. Sua estrada ele seguiu. Sua espada ele pegou. Eu cheguei na porta do céu. Bati, bati. Quem bate? – São Jorge. No dia de hoje. No dia de hoje, Gezim, escondido no ventre da Virgem Maria. Com os poderes da casa santa que há de guiar os seus passos de mal criatura, de um em um, de dois em dois, de três em três até o derradeiro passo”.

José de Jesus - Folião de São Gonçalo



Folia de Reis (Rafael Pereira Santos, 2017)

“ A Folia representa a Comunidade de Croatá. Nós aqui é vazanteiro e carambola e o povo da região. Para falar bem a verdade a folia é para mim uma profissão que eu gosto. Eu fui criado e batalho muito com a vida e gosto muito da folia. Isso é de raiz, isso vem de meus país. Nós somos umas pessoas de irmandade, de tradição aqui da região e desse lugar”.

José de Jesus Rodrigues da Silva

“ Tenho uns 50 anos de trabalho como lavrador. A folia é uma cultura. A cultura é uma raiz. Eu vou te explicar o seguinte: a folia nasceu de avós para pai, de pai para irmão, de irmão para tio e daí por diante. E aí ela está até hoje. Se ela acabar, nós acabamos também. Se o novo não aprendeu, nós se acaba a cultura”.

Manoel Ferreira, 57 anos

“ A folia é maravilhosa. Enquanto existir folia o mundo está seguindo. A folia foi Deus que deixou para os velhos ensinar os novos. Os novos não quer muito aprender. Na hora que acabar os velhos, aí acaba tudo. Mas, Deus que não deixa acabar não”.

Otávio Rodrigues da Silva, 64 anos

Eu tenho 50 anos de Folia. A gente não aprendeu as histórias, aprendeu só brincar. A folia é beleza, nós ensaia e termina em paz”.

José Francisco Mendes

Eu tenho 72 anos, desde idade de 10 anos eu já foliava. A folia de Reis para mim é uma devoção que vem desde o princípio do mundo, né. Então a folia é muito beleza, é como seu Otávio falava para mim. Se acabar a folia o mundo vai de embrulho né? O mundo se acaba”.

Joaquim Mendes Barbosa, 72 anos

Tenho 74 anos. Tem uns 40 anos que eu faço Folia. A folia foi o que Deus deixou para nós seguir. Foi ou não foi? Então quem gosta segue ela”.

Delvino Gonçalves de Souza, 72 anos

Tenho 54 anos. Folia mesmo acompanhada já tem uns 5 anos que eu sou folião. Mas desde pequeno que eu já bageio na folia. Hoje eu sou folião. É uma tradição, eu gosto. Eu adoro e junto com meus colegas, meu amigo”.

José Luiz Nunes, 54 anos

A folia para mim significa principalmente o nascimento de Jesus que o senhor Santo Reis saiu caminhando no mundo. A mesma coisa sou eu. Eu sai caminhando no mundo. Porque esse aqui mesmo é meu tio é Manoel, ele é irmão da minha mãe. Tudo é folião. Então não tinha para onde correr e eu sou muito satisfeito”.

Francisco Pereira da Silva, 59 anos

A folia é o seguinte. A folia anda cumprindo uma missão de Jesus. Jesus andava pelo mundo, ele andava em três. Quando chegou lá na frente eles contaram com quatro. Então é um compromisso com Deus e com Jesus. Nesse caminho nós andamos como Jesus. Onde está Deus menino, nós vamos visitar. Então corre com Deus para visitar Deus menino. Se a folia vai para um canto, ela volta por outro. Então, Jesus foi para um lugar e voltou por outro, por que Herodes estava atrás. Nós acompanha a folia por isso, por que nós acompanha a lei que Deus deixou. Então, eu tenho 25 anos de folia, de tradição. A folia que eu participava era outra, mas, o cabeça não pode mais sair. Aí como eu não ando só eu estou nessa Folia. Eu ando por que tenho devoção, com Deus e com Jesus”.

Valdeci Pereira dos Santos



Trabalho e produção quilombola (CPP, 2017)

CONTATOS:

Associação Quilombola, Pesqueira e Vazanteira de Croatá - AQPVC

Comunidade do Croatá, s/n, zona rural

Cep: 39480,000 - Januária, MG

SABEH – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

(Núcleo da Nova Cartografia Social do Rio São Francisco)

Rua Campos Sales, 180 – Cleriston Andrade, Paulo Afonso – CEP: 48.603.440

Tel.: 75. 3281 0848

E-mail: contato.sabeh@gmail.com

www.sabeh.org.br

CPP - CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES DE MINAS GERAIS

Rua Vinte um de Abril, 145 – Centro, Buritizeiro – MG

Tel.: 38. 3742 2237

e-mail: cppminasgerais@gmail.com

Realização:

Comunidades Quilombola Pesqueira Vazanteira de Croatá

Apoio:

Fundação FORD, UEMA, UnEB, UEA



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.

Realização:

Comunidades Quilombola Pesqueira Vazanteira de Croatá

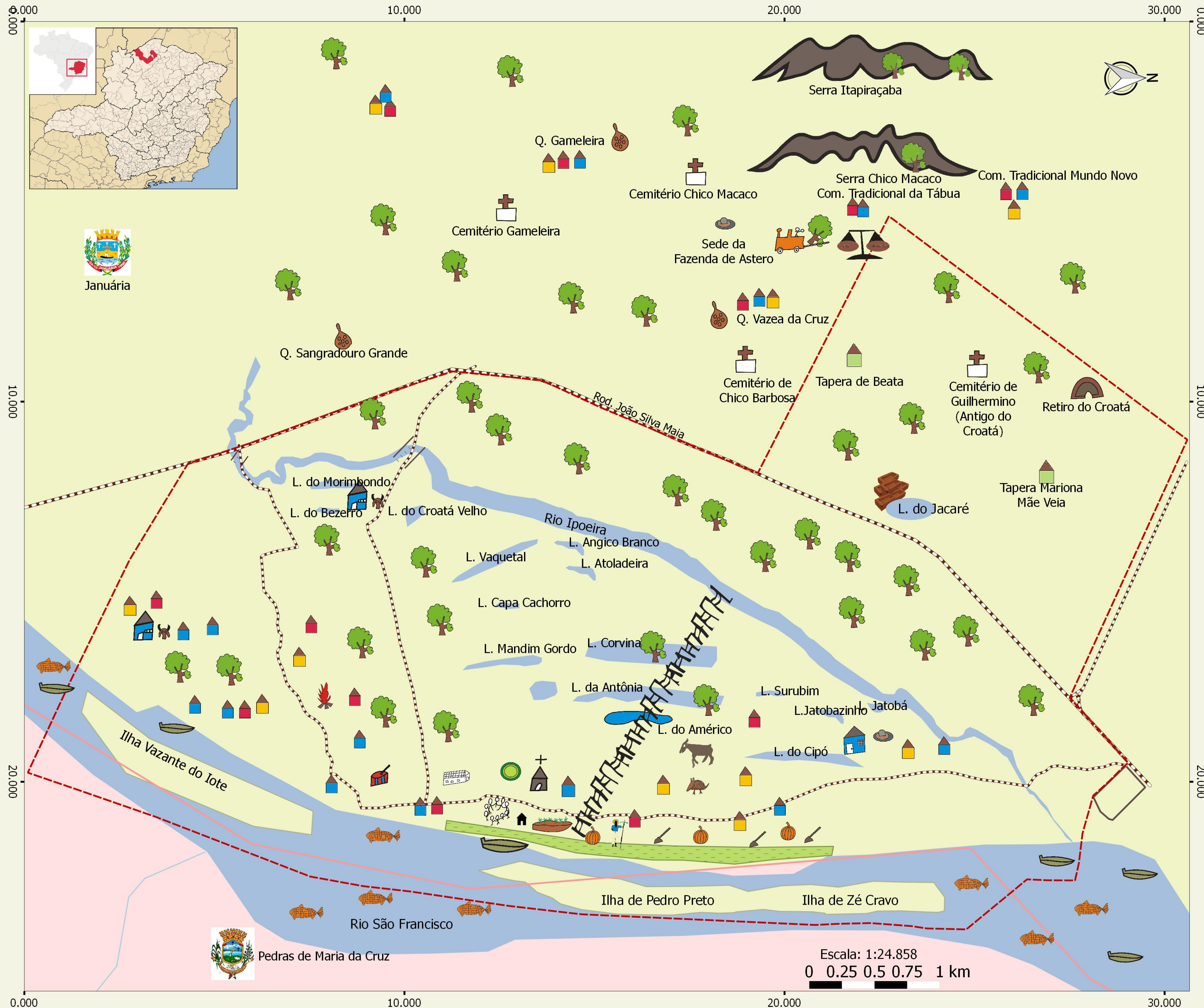


Fundo Nacional de Solidariedade (FNS)
Campanha da Fraternidade

Apoio:



Comunidade Tradicional Quilombola Pesqueira Vazanteira do Crotá - MG



Legenda

Identidade e Cultura

- Caboclo D'Água
- Roda de Batuque
- Plantas Medicinais
- Folia de Reis Zé de Jesus
- Horta Coletiva
- Capela de São Benedito
- Comunidades Quilombolas
- Cemitério
- Ponta de Lance - Pesca Artesanal
- Casa de Farinha

Conflito

- Conflito Valtinho
- Pecuarista grileiro
- Queimadas
- Ação de Despejo
- Desmatamento
- Extração de Barro

Território e Natureza

- Retiro do Crotá
- Sede da Associação
- Casa da Misericórdia
- Habitações Quilombolas
- Tapera dos Mais Velhos
- Matas
- Território do Quilombo de Crotá
- Lagoas
- Ilhas
- Área de Plantio Coletivo Baixão

Convencões

- Hidrografia
- Estradas e Rodovias
- Parque de Exposição
- Mun. Pedras de Maria da Cruz
- Mun. Januária

Sistema de Coordenadas Geográficas: EPSG:4326- WGS 84
 Fonte: IBGE, 2010. Croquis da Comunidade Crotá.

Elaboração: Alzení Tomáz, Gilmar Santos, Letícia Rocha, Paula Regina Cordeiro, Rafael Pereira Santos.
 Cartografia: Paula Regina Cordeiro.

Escala: 1:24.858
 0 0.25 0.5 0.75 1 km

